

O USO DE PSICOFÁRMACOS ANTES E DURANTE A PANDEMIA DE CORONAVÍRUS EM UM MUNICÍPIO SITUADO NO OESTE DO PARANÁ

VERONEZE, Kaluani Taina¹
TEIXEIRA, Maycon Gabriel Duarte²
SILVA, Claudinei Mesquita da³
PEDER, Leyde Daiane de⁴

RESUMO

Muitos impactos mentais que podem ter sido ocasionados durante a pandemia da doença por coronavírus (COVID-19). Assim, o presente estudo teve como objetivo comparar a quantidade de ansiolíticos e antidepressivos dispensados durante o último trimestre de 2019 com o último trimestre de 2020, e verificar se houve aumento. Para isso, foi realizada análise de relatórios de dispensação, e dados como sexo e idade, de pacientes atendidos em uma UBS localizada na cidade de Nova Laranjeiras – Paraná. Das 1988 dispensações realizadas durante os 6 meses, 1046 ocorreram em 2019 e 942 em 2020, demonstrando uma redução de 9,94%. Entretanto, ao analisar a dispensação de cada medicamento separadamente, pôde-se observar aumento do uso do clonazepam (3,38%) e da nortriptilina (23,72%) no ano de 2020. Quanto às variáveis analisadas, foi possível observar que houve predomínio da utilização dos medicamentos por pessoas do sexo feminino, e também por pessoas com idade entre 59 e 69 anos, em ambos os anos. Ao contrário do que se esperava, o estudo demonstrou que não houve aumento do uso de medicamentos para ansiedade e depressão durante a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19, psicofármacos, depressão, ansiedade.

THE USE OF PSYCHOPHARMACEUTICALS BEFORE AND DURING THE CORONAVIRUS PANDEMIC IN A MUNICIPALITY SITUATED IN WEST PARANÁ

ABSTRACT

Many mental impacts may have occurred during the coronavirus disease (COVID-19) pandemic. Thus, the present study aimed to compare the quantity of anxiolytics and antidepressants dispensed during the last quarter of 2019 with the last quarter of 2020 and assess whether there was an increase. For this purpose, a dispensation report analysis was conducted, including data such as gender and age, from patients treated at a Primary Health Care Unit (UBS) located in the city of Nova Laranjeiras, Paraná. Of the 1988 dispensations made over the 6 months, 1046 occurred in 2019 and 942 in 2020, demonstrating a reduction of 9.94%. However, when analyzing the dispensation of each medication separately, an increase in the use of clonazepam (3.38%) and nortriptyline (23.72%) was observed in the year 2020. Regarding the analyzed variables, it was possible to observe a predominance of medication use by females and individuals aged between 59 and 69 years in both years. Contrary to expectations, the study showed that there was no increase in the use of anxiety and depression medications during the pandemic.

KEYWORDS: COVID-19, psychopharmaceuticals, depression, anxiety.

¹ Graduada em Farmácia. Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: ktveroneze@minha.fag.edu.br

² Discente do curso de Medicina do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: mgdteixeira@minha.fag.edu.br

³ Graduado em Farmácia com Habilitação em Análises Clínicas pela Universidade Estadual de Maringá (1997-2001). Mestre em Biologia Molecular, com dissertação na área de Bioquímica (2002-2004) pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), e Doutor em Ciências da Saúde, com tese na área de Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Universidade Estadual de Maringá (2015-2018). Atualmente é pós-doutorando do Programa de Biociências e Saúde da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e é professor do núcleo de Química e Análises Clínicas do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: claudinei@fag.edu.br

⁴ É Doutora pelo Programa de Biociências e Fisiopatologia da Universidade Estadual de Maringá (2018), Mestre em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo-Escola Paulista de Medicina (2006) e possui graduação em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Estadual de Maringá (2003). Possui pós graduação Vigilância em Saúde (Unifama) e em Análises Clínicas e Microbiologia (Uniminas). E-mail: ldpeder@fag.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A depressão e a ansiedade são as doenças mentais mais comuns e acometem grande parte da população em algum período de suas vidas. Essas psicopatologias são problemas graves de saúde pública, pois os pacientes tendem a apresentar, não só patologias relacionadas à saúde mental, mas também pior evolução de quadros de saúde em geral, seja por diminuição de auto cuidados ou por fatores biológicos relacionados ao estresse, além do elevado risco de evoluir a consequências mais graves desses quadros, como tentativas de morte por suicídio, contra a qual luta-se diariamente através de ações preventivas, informativas e terapêuticas em todos os níveis da assistência em saúde (PEROBELLI *et al.*, 2018).

A preocupação com a saúde mental da população se intensifica durante a grave crise enfrentada mundialmente: a pandemia causada pelo SARS-CoV-2 (*severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*, ou em português, síndrome respiratória aguda grave de coronavírus 2), o qual ocasiona a COVID-19 (*coronavirus disease 2019*, ou em português, doença do coronavírus 2019) que torna-se também um dos maiores problemas de saúde pública das últimas décadas, tendo atingido praticamente todo o planeta (FARO *et al.*, 2020).

Um evento como esse, pode trazer perturbações psicológicas e sociais pois, além do medo de contrair a doença, a COVID-19 tem provocado uma sensação de insegurança em todos os aspectos da vida, seja coletiva ou individual, afetando o funcionamento diário da sociedade e também as relações interpessoais. Nesse contexto, os sistemas de saúde entram em colapso, os profissionais de saúde se sobrecarregam com longas jornadas de trabalho, e além disso, o método de controle da doença mais efetivo, que é o distanciamento social, impacta de forma direta na saúde mental de todos (FARO *et al.*, 2020).

Os dados obtidos por meio de estudos científicos revelam que, dentro da amostra examinada, cerca de 48,8% dos sujeitos apresentaram níveis de ansiedade que variaram de leves a muito graves em relação à pandemia de COVID-19. Além disso, constatou-se que 18,6% desses indivíduos também experimentaram sintomas de depressão ou estresse, os quais foram classificados como variando de moderados a muito graves. Esses resultados indicam a complexidade e a extensão dos impactos emocionais associados à situação pandêmica, evidenciando a necessidade de compreensão e abordagens específicas para lidar com essas questões de saúde mental (CANO *et al.*, 2020).

Durante a pandemia de COVID-19, houve uma diminuição significativa nos diagnósticos de TDAH em crianças e adolescentes, sugerindo uma possível influência da transição para o ensino online. Por outro lado, os diagnósticos de Transtorno de Ansiedade e Transtorno Depressivo Maior aumentaram substancialmente, indicando um impacto psicológico significativo durante a crise,

especialmente em relação a redução da qualidade do sono e atividade física, bem como o aumento do tempo de exposição as telas e o abuso no uso da internet. Esses resultados destacam a importância de monitorar e tratar adequadamente os jovens que já enfrentam transtornos psiquiátricos, como o TDAH, em períodos desafiadores como a pandemia, orientando estratégias de intervenção adaptadas (LAGUNA *et al.*, 2023).

Apesar de que, em situações como a pandemia enfrentada atualmente, o foco das pesquisas, dos serviços de saúde e das informações através da mídia seja direcionado aos aspectos biológicos da doença, sendo baseado nas medidas preventivas como o distanciamento, o uso de máscara e hábitos higiênicos, e na busca por métodos de erradicação da doença, como vacinas e tratamentos farmacológicos, a atenção para a saúde mental e o bem-estar das pessoas nesse contexto não possui menor importância, visto que, os impactos psicológicos que podem ser provocados, ou agravados, tem duração de longo prazo, podendo ser ainda mais prolongados do que a própria pandemia (NABUCO; OLVEIRA; AFONSO, 2020).

Desde as experiências advindas de outros surtos como da SARS em 2002, da H1N1 em 2009, da MERS em 2012, do Ebola entre 2013 e 2016, e frente à COVID-19 atualmente, percebe-se a necessidade de investigar e agir em questões relativas à saúde mental ao longo da crise, uma vez que a capacidade de alcançar um estado psicológico saudável é desafiada, dia após dia, por inúmeras adversidades trazidas em períodos como este. Isso reitera a constatação de que, durante uma pandemia, é provável que seja vivenciada uma carga elevada de experiências e emoções negativas, criando a necessidade de cuidados psicológicos constantes desde o período inicial do problema (FARO *et al.*, 2020).

Desse modo, este trabalho tem como objetivo investigar o possível aumento do uso de medicamentos para os transtornos de depressão e de ansiedade, durante a pandemia de coronavírus, com o intuito de trazer informações e conhecimento sobre a relação da saúde mental da população em meio as inúmeras mudanças trazidas pelo período pandêmico.

2. METODOLOGIA

Estudo de caráter transversal descritivo, no qual foi efetuado um levantamento de dados de dispensação de psicofármacos no período que compreendeu o último trimestre do ano de 2019 e o último trimestre de 2020, o qual foi acometido pela pandemia de COVID-19, em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) situada no município de Nova Laranjeiras, que está localizado na região oeste do Paraná, contendo aproximadamente 11.462 habitantes de acordo com o IBGE (2021).

A pesquisa foi iniciada em 28 de agosto de 2021, logo após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, cujo parecer nº 4.938.000 foi emitido no dia 27/08/2021 (CAAE 47961021.8.0000.5219).

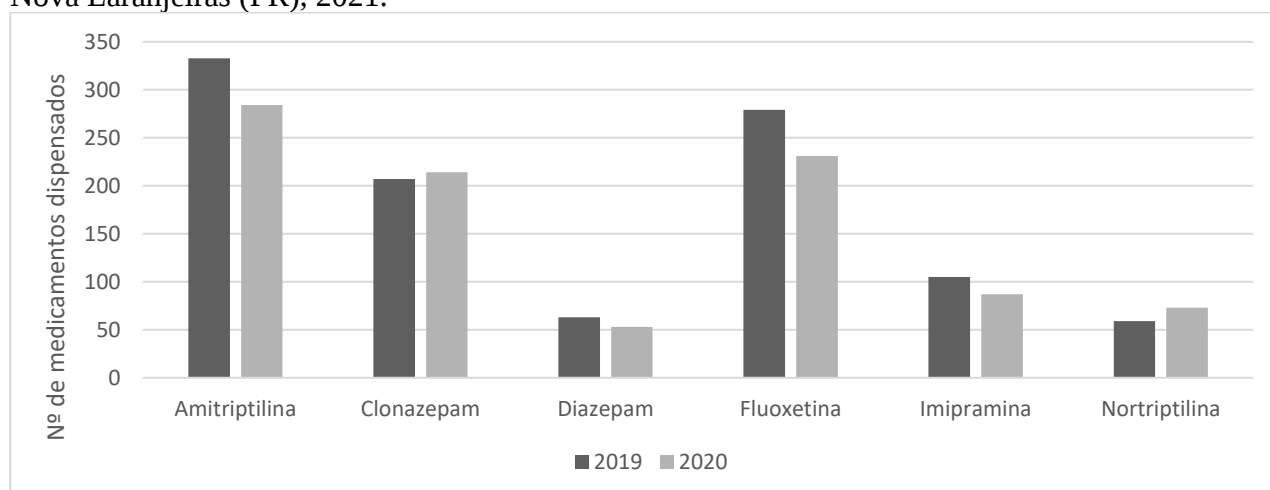
Para a coleta das informações, primeiramente foram gerados relatórios mensais de dispensação de Medicamentos sujeitos à Controle Especial, nos quais foram selecionados para análise os antidepressivos e os ansiolíticos disponíveis na UBS, dentre os quais estão a amitriptilina, o clonazepam, o diazepam, a fluoxetina, a imipramina e a nortriptilina.

Em seguida, com o número do Cartão Nacional SUS de cada paciente presente no relatório de dispensação dos medicamentos, foram analisadas variáveis como sexo e idade, por meio do acesso on-line no sistema da farmácia, denominado Hórus. E então, todos os dados obtidos foram tabulados no programa Microsoft Office Excel e posteriormente analisados estatisticamente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização do estudo, foram analisados os relatórios de dispensação dos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2019, meses antes da pandemia de COVID-19 e dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2020, meses durante a pandemia de COVID-19, que compreenderam um total de 1988 dispensações, envolvendo medicamentos como a amitriptilina, o clonazepam, o diazepam, a fluoxetina, a imipramina e a nortriptilina, psicofármacos utilizados para tratamentos de transtornos ansiosos (MAIA & ROHDE, 2007). A Figura 1 mostra a quantidade desses medicamentos que foram dispensados durante os três meses no ano de 2019 em comparação com a quantidade dispensada nos mesmos meses do ano de 2020.

Figura 1 – Comparativo da quantidade de psicofármacos dispensados entre os anos de 2019 e 2020, Nova Laranjeiras (PR), 2021.



Fonte: Dados da pesquisa.

Do total de 1988 dispensações que foram realizadas no intervalo de tempo analisado, 1.046 ocorreram no ano de 2019 e 942 no ano de 2020. Desse modo, pode ser observada uma redução de 9,94% do número de medicamentos dispensados durante o último trimestre de 2020, quando comparado com o mesmo período do ano anterior. No entanto, quando analisada a dispensação dos medicamentos individualmente, é possível observar um aumento no uso do clonazepam e da nortriptilina em 2020, sendo que em 2019 foram feitas 207 dispensações de clonazepam e 59 de nortriptilina, e em 2020 foram realizadas 214 dispensações de clonazepam e 73 de nortriptilina, correspondendo a um aumento de 3,38% e de 23,72%, respectivamente.

A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo na saúde mental da população espanhola, com 40% das pessoas enfrentando desafios nesse aspecto desde o início do surto. Embora 23,4% tenham buscado assistência psicológica, é preocupante notar que a maioria daqueles afetados não procurou ajuda. As razões para essa resistência incluem estratégias de autogestão adotadas por alguns indivíduos e as barreiras financeiras que impediram o acesso generalizado a serviços psicológicos essenciais. Essa relutância em buscar apoio destaca a necessidade de abordagens inovadoras e acessíveis para promover a saúde mental na sociedade, o que explicaria a redução na taxa de medicamentos dispensados nesse estudo (ZAMORANO *et al.*, 2022).

Ao observar a Figura 1, também é possível perceber que o medicamento mais dispensado foi a amitriptilina, pertencente à classe dos antidepressivos tricíclicos (ADT), somando um total de 333 que foram dispensadas em 2019 e 284 em 2020, e logo em seguida a fluoxetina, um inibidor seletivo da recaptação de serotonina (ISRS), com 279 dispensações em 2019 e 231 em 2020. Seguindo uma ordem decrescente, tem-se o clonazepam, ansiolítico da classe dos benzodiazepínicos (BDZ), a imipramina (ADT), a nortriptilina (ADT) e o diazepam (BDZ), respectivamente.

A redução no número de dispensações não significa necessariamente que os transtornos mentais foram amenizados, mas que esse resultado pode justificar-se por meio de várias possibilidades, pois não vai de encontro com o que foi demonstrado em outros estudos. Uma sugestão que pode justificar essa diminuição é o próprio fato de as pessoas terem passado mais tempo em suas casas. Da mesma forma que isso pode ter trazido turbulências para alguns, também pode ter trazido mais tranquilidade para outros, pois passaram a trabalhar de forma “home office”, amenizando assim o estresse causado pelo trabalho e diminuindo o sentimento da necessidade de fazer uso desses medicamentos.

Por outro lado, há também a possibilidade da redução estar relacionada com as mudanças nas regras de prescrição e dispensação de psicotrópicos, regulamentadas pela Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 357/2020, que foi publicada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), e que estende para três a seis meses as quantidades máximas a serem dispensadas, possibilitando também a entrega em domicílio, dos medicamentos presentes nas listas da Portaria nº

344/1998, com o intuito de evitar aglomerações com o comparecimento dos pacientes nas Unidades dispensadoras, e diminuir o contato social que favorece a disseminação do coronavírus.

Dessa forma, não fica totalmente explícito, no período de tempo analisado, o número real de pacientes que fazem ou passaram a fazer o uso desses medicamentos, já que a maioria das pessoas, por medo de contrair a doença, se mantiveram em suas casas o máximo possível, evitando se expor principalmente em locais aglomerados de pessoas doentes, como as Unidades de saúde, até mesmo para receberem seus medicamentos de uso contínuo, como é o caso dos psicofármacos.

Em contraste, um estudo realizado por Meira, Mangabeira e Rodrigues (2020), que analisou o consumo de psicotrópicos em uma UBS do Distrito Federal, demonstrou aumento significativo da utilização de 3 medicamentos, a clorpromazina, a nortriptilina e o fenobarbital. Segundo os autores, esse resultado pode estar relacionado com a falta de informação dos prescritores sobre a nova legislação, que permitiu a dispensação de quantidades maiores dos medicamentos de controle especial, ou também com o receio de manter uma quantidade maior desses medicamentos em posse dos pacientes, por facilitar assim a intoxicação devido à mau uso da farmacoterapia.

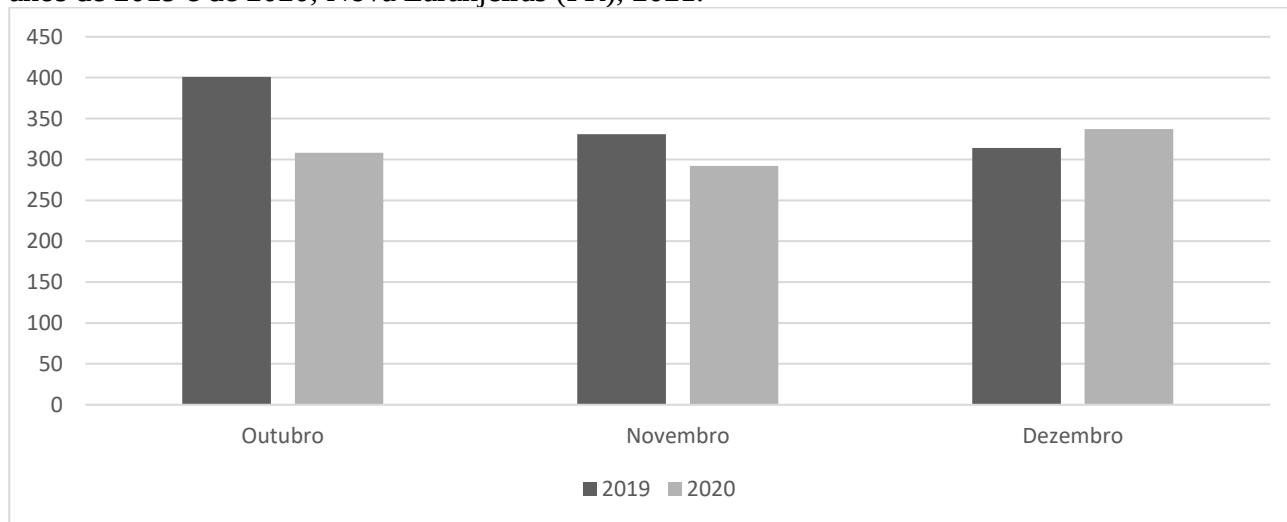
Em outro estudo, realizado por Machado (2020), foi avaliada a dispensa de ansiolíticos da classe dos benzodiazepínicos em uma drogaria no ano de 2019 e comparada ao ano de 2020, o qual demonstrou também aumento da comercialização desses medicamentos, sendo que os três mais vendidos foram o clonazepam com aumento de 183%, o alprazolam com 21%, e o clobazam com 10%. Machado (2020) cita a RDC nº 357/2020 como um fator que pode estar relacionado a esse aumento, pelo fato de autorizar a venda de medicamentos da Portaria nº 344/1998 em maior quantidade, justamente para evitar a circulação das pessoas nos estabelecimentos durante o período da pandemia. Porém, o autor ainda ressalta que esse aumento do consumo de benzodiazepínicos, pode ter sido, de fato, ocasionado pelo aumento de distúrbios mentais desencadeados, ou agravados, pela própria pandemia.

Um outro estudo que foi realizado por Pessolato *et al.* (2021) demonstrou-se um considerável crescimento das vendas de fitoterápicos com propriedades ansiolíticas em drogarias, durante um período marcado pela pandemia de COVID-19, o qual analisou os meses de abril, maio, junho e julho de 2020, com consumo de 97,70%, 137,93%, 144,89% e 142,50%, respectivamente, de medicamentos como Maracujá®, Pasalix®, Valeriane®, Seakalm®, Serenus®, Maracugina®, Calman® e Calmasyn®. Pessolato *et al.* (2021) afirma que esse aumento está diretamente relacionado à tentativa de amenizar diversas emoções desencadeadas ou intensificadas pela pandemia, tendo como escolha esse tipo de medicamento devido ao fácil acesso para a população. É notável que a pandemia de COVID-19 provocou diversas mudanças na vida da população a nível global. Assim, fica visível a necessidade de se investigar mais amplamente esse assunto, realizando pesquisas com populações

maiores, e estudos de incidência para melhor evidenciar o estado de saúde mental das pessoas durante esse período.

A relação da dispensação entre os meses analisados é demonstrada na Figura 2, na qual pode-se observar que, no ano de 2019, o maior número de psicofármacos dispensados ocorreu no mês de outubro, com um total de 401 dispensações, seguindo uma ordem decrescente nos dois próximos meses (331 e 314). Já em 2020 não houve essa sequência, sendo que o mês com maior número de dispensação desses medicamentos foi dezembro (337), seguido por outubro (308), e por último com menor número, o mês de novembro (292).

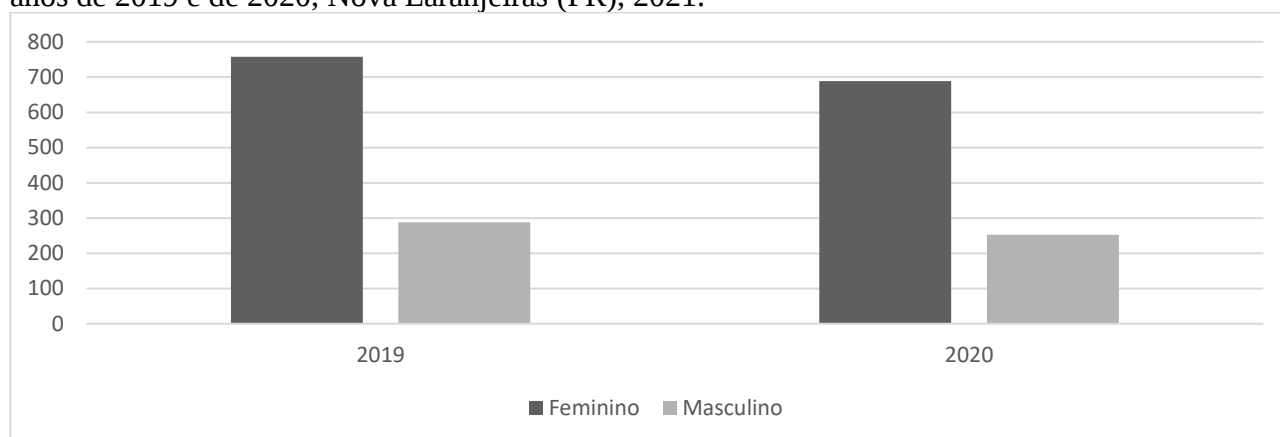
Figura 2 – Comparativo da quantidade de psicofármacos dispensados entre o último trimestre dos anos de 2019 e de 2020, Nova Laranjeiras (PR), 2021.



Fonte: Dados da pesquisa.

Além do número de dispensações de psicotrópicos, também foram analisados dados como sexo e idade dos pacientes que receberam esses medicamentos. Com relação a essas variáveis, pode-se dizer que foram encontrados resultados esperados, que vão de encontro com estudos já realizados anteriormente. Como é possível observar na Figura 3, houve um predomínio da utilização de medicamentos ansiolíticos e antidepressivos pelas mulheres, em ambos os anos, sendo 72,46% do sexo feminino e 27,54% do sexo masculino em 2019, e 73,14% do sexo feminino e 26,86% do sexo masculino em 2020.

Figura 3 – Comparativo da utilização de psicofármacos entre o sexo feminino e o sexo masculino nos anos de 2019 e de 2020, Nova Laranjeiras (PR), 2021.



Fonte: Dados da pesquisa.

O predomínio da utilização dos antidepressivos e ansiolíticos por pessoas do sexo feminino, demonstrado neste estudo, pode estar relacionado com a procura por serviços de saúde, como mostra o estudo realizado por Levorato *et. al* (2013), no qual observou-se uma busca 1,9 vezes maior por mulheres com relação aos homens. Este fato pode ser explicado por um estudo feito por Carneiro, Adjuto e Alves (2019), em que foram realizadas entrevistas aos pacientes do sexo masculino sobre os fatores relacionados à procura por serviços de atenção primária, que responderam que a mulher é quem procura mais por ser mais consciente com a própria saúde, sendo habituada a tomar medidas de prevenção, além de ser mais frágil e vulnerável às doenças, e existirem mais políticas públicas de saúde direcionadas à elas, proporcionando maior facilidade de acesso e maior disponibilidade de especialistas.

Com relação à idade, foram excluídos da pesquisa os pacientes com 18 anos ou menos, portanto, foram analisados dados de pacientes com idade igual ou maior a 19 anos, tendo sido separados em faixas etárias com intervalo de 10 anos, como demonstra a Tabela 1.

Tabela 1 – Comparativo da dispensação de psicofármacos entre os anos de 2019 e de 2020 de acordo com a faixa etária, Nova Laranjeiras (PR), 2021.

FAIXA ETÁRIA (ANOS)	2019 (%)	2020 (%)
19F-29	37 (3,5%)	25 (2,6%)
29F-39	107 (10,2%)	67 (7,1%)
39F-49	212 (20,2%)	164 (17,4%)
49F-59	239 (22,8%)	228 (24,2%)
59F-69	239 (22,8%)	241 (25,5%)
≥69	212 (20,2%)	217 (23,0%)
TOTAL	1046 (100%)	942 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com as informações mostradas na Tabela 1, pode-se afirmar que o maior consumo de psicofármacos foi por pacientes que apresentaram idade entre 59 e 69 anos, em ambos os anos, com resultados de 239 dispensações em 2019 e 241 em 2020, tendo um leve aumento de 0,83% em 2020. Houve um pequeno aumento do uso (2,35%) também por pacientes com 69 anos ou mais, com 212 dispensações em 2019 e 217 em 2020. O segundo maior número de dispensação desses medicamentos, esteve na faixa etária de 49 a 59 anos, com um total de 239 dispensações no ano de 2019 e 228 em 2020. É possível observar também que, a faixa etária que demonstrou menor uso desses medicamentos, foi de 19 a 29 anos, totalizando uma quantidade de 37 unidades dispensadas em 2019 e 25 em 2020. O segundo menor número de dispensação esteve na faixa etária de pacientes entre 29 e 39 anos, com 107 e 67 unidades dispensadas em 2019 e 2020, respectivamente.

A partir dos resultados apresentados na Tabela acima, nota-se que o consumo de medicamentos psicotrópicos aumenta proporcionalmente com a idade até os 69 anos, ou seja, pessoas mais jovens utilizam menos medicamentos como esses do que pessoas com mais idade. Esse fato também pode ser justificado pela procura por serviços de saúde, pois pessoas com mais idade são as que mais buscam por estes atendimentos, como demonstrou o estudo de Levorato *et al.* (2013), no qual houve predomínio de pacientes de 26 a 49 anos, seguida pelo grupo de pacientes com 50 a 65 anos, que buscaram pelos serviços públicos de saúde.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do uso de psicofármacos durante o período pré-pandêmico e pandêmico revelou resultados intrigantes e essenciais para a compreensão da saúde mental da população em tempos desafiadores como os enfrentados durante a pandemia de COVID-19. Contrariando expectativas iniciais, observamos uma redução global de 9,94% na dispensação de ansiolíticos e antidepressivos em uma Unidade Básica de Saúde localizada em Nova Laranjeiras, Paraná. No entanto, esse declínio não necessariamente reflete uma diminuição nos transtornos mentais, mas sim sugere uma complexa interação de fatores. A análise individual dos medicamentos revelou um aumento notável no uso de clonazepam (3,38%) e nortriptilina (23,72%) em 2020. Esse achado específico destaca a necessidade de considerar não apenas a quantidade total de medicamentos dispensados, mas também as mudanças nos padrões de prescrição, possivelmente influenciadas por fatores como a regulamentação governamental e as práticas de saúde mental.

A predominância do uso de psicofármacos por mulheres e por indivíduos com idades entre 59 e 69 anos, embora esperada, destaca a importância de estratégias de intervenção direcionadas a esses grupos demográficos. Essa diferenciação nas tendências de uso pode ser um indicador valioso para a

formulação de políticas de saúde mental adaptadas às necessidades específicas de diferentes segmentos da população.

A contradição entre os resultados deste estudo e pesquisas que indicam um aumento no uso de psicofármacos durante a pandemia sugere a complexidade da resposta individual e coletiva às crises de saúde pública. A redução pode ser atribuída a uma variedade de fatores, incluindo mudanças nos padrões de vida decorrentes das medidas de isolamento social, maior conscientização sobre saúde mental e adaptações na legislação para dispensação de medicamentos. As implicações para a saúde pública são significativas, destacando a necessidade de estratégias de monitoramento contínuo e intervenções direcionadas à saúde mental. Considerando que a pandemia expôs a vulnerabilidade psicológica de muitos, a compreensão das dinâmicas de uso de psicofármacos pode orientar políticas de prevenção e tratamento mais eficazes.

Para pesquisas futuras, é crucial explorar mais a fundo os fatores que influenciam as mudanças nos padrões de dispensação de psicofármacos durante crises de saúde, como a COVID-19. Além disso, investigar o impacto das intervenções de saúde mental, como programas de conscientização e suporte psicológico, pode fornecer informações sobre abordagens eficazes para enfrentar os desafios mentais decorrentes de eventos pandêmicos.

É perceptível que a pandemia de COVID-19 acarretou inúmeras mudanças na vida de todos, afetando o funcionamento diário da sociedade. A adaptação frente à essa situação fez-se necessária, e ela ocorreu de diferentes formas para cada pessoa. Alguns conseguiram modular seu cotidiano e seguir com suas atividades normalmente, outros tiveram maiores dificuldades nisso e possivelmente tiveram seu psicológico abalado. Ao contrário do esperado, o presente estudo demonstrou uma redução do uso de fármacos para ansiedade e depressão durante a pandemia, mas não é possível afirmar que os transtornos mentais também diminuíram, devido às várias possibilidades que justificam esse resultado. Além disso, outros estudos que vem sendo realizados mostraram o aumento, tanto da dispensação por Unidades públicas como da comercialização por Farmácias privadas, desses medicamentos.

Portanto, é evidente a importância da realização de pesquisas nesse âmbito, com um número maior de pacientes e também um período de tempo mais amplo, para melhor analisar a saúde mental das pessoas em um período como este, e assim obter um resultado mais significativo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 357, de 24 de março de 2020.
- CARNEIRO, V. S. M.; ADJUTO, R. N. P.; ALVES, K. A. P. Saúde do homem: identificação e análise dos fatores relacionados à procura, ou não, dos serviços de atenção primária. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 23, n. 1, p. 35-40, jan./abr. 2019.
- FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v.37, e200074, 2020.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico Brasileiro de 2021.
- LAGUNA, Gabriela Garcia de Carvalho et al. Mudanças comportamentais em crianças/adolescentes com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade durante a pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 23, p. e20220353, 2023.
- MACHADO, M. B. Avaliação da dispensação de benzodiazepínicos em uma drogaria em tempos de pandemia COVID 19 na cidade de Uberaba-MG. Uberaba, 2020.
- MEIRA, Kaic Leite; MANGABEIRA, Orlando Teixeira; RODRIGUES, Rafael Cardinali. O impacto da pandemia pelo novo Coronavirus na Assistência Farmacêutica em uma Unidade Básica de Saúde do Distrito Federal. **Health Residencies Journal-HRJ**, v. 2, n. 10, p. 67-75, 2021.
- NABUCO, Guilherme; DE OLIVEIRA, Maria Helena Pereira Pires; AFONSO, Marcelo Pellizzaro Dias. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde?. **Revista Brasileira de medicina de família e comunidade**, v. 15, n. 42, p. 2532-2532, 2020.
- PEROBELLI, A. O. *et al.* **Diretrizes Clínicas em Saúde Mental**. Vitória: [S.l.: s.n., 2018. 265 p.
- PESSOLATO, Juliane Paula et al. Avaliação do consumo de Valeriana e Passiflora durante pandemia COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p. 5589-5609, 2021.
- PEREZ-CANO, Hector J. et al. Anxiety, depression, and stress in response to the coronavirus disease-19 pandemic. **Cirurgia y cirujanos**, v. 88, n. 5, p. 562-568, 2020.
- ZAMORANO, Sara et al. Impacto del Covid-19 en la salud mental, uso y barreras en atención psicológica en España. **Clínica Contemporánea**, v. 13, n. 2, p. e11, 2022.